

la. |

#01

ABR
2024

ARROIOS
AMOR PARA A VIDA
P.16 a 25

revista quadrimestral — distribuição gratuita — infomail

la. |

FICHA TÉCNICA



propriedade	JUNTA DE FREGUESIA DE ARROIOS
direção	MADALENA NATIVIDADE
coordenação	RICARDO AFONSO
edição e redação	DAVID RODRIGUES MENDONÇA
design e paginação	LUÍS DE ALMEIDA RIBEIRO
colaboração	PAULO PINTO MASCARENHAS ANTONIETA LOPES DA COSTA
fotografia	ISABEL SANTIAGO
impressão gráfica	GRAFISOL - ARTES GRÁFICAS
depósito legal	529511/24
tiragem	25 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**MADALENA
NATIVIDADE**
PRESIDENTE
DA JUNTA
DE FREGUESIA
DE ARROIOS

A REVISTA DAS PESSOAS E PARA AS PESSOAS

Esta é uma revista pensada, criada, desenhada, fotografada e escrita por colaboradores e fregueses da Junta de Freguesia de Arroios. Mas não é, como parece evidente para quem a veja, leia ou folheie, uma revista meramente autárquica.

Fizemos questão que não fosse uma revista centrada em nós, mas virada para fora, à imagem de Arroios, das pessoas e para as pessoas.

Os textos escritos são resultado das nossas conversas, mantendo a originalidade e o fluxo orgânico do discurso oral, não seguindo os parâmetros normais dos textos jornalísticos.

A exceção que confirma a regra é a entrevista ao historiador e intelectual, José Pacheco Pereira, que anuncia uma excelente notícia para os nossos fregueses: o célebre Arquivo Ephemera, o maior arquivo privado em Portugal, provavelmente da Europa, vai estar presente em Arroios em resultado de um protocolo com a Junta de Freguesia.

Como diz Pacheco Pereira, “tudo o que temos fica à disposição dos fregueses de Arroios. Isto significa exposições, debates, publicações e um posto de recolha”.

Outra excelente notícia, a grande exposição sobre os 50 anos do 25 de Abril! A iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, da Junta de Freguesia de Arroios e da Ephemera, vai decorrer no Mercado de Culturas, no Mercado do Forno do Tijolo.

Não conto mais, para que se possa surpreender.

Boas leituras! Excelente 2024 para todos!

ENTREVISTA
JOSÉ
PACHECO
PEREIRA
P.04



ESPAÇO
PÚBLICO
JARDIM
DO
CARACOL
DA PENHA
P.12

LOJAS
ICÓNICAS
KINGPIN
BOOKS
P.14

AMOR
PARA
A VIDA
JOANA
REBELO
DE ANDRADE
P.16

DUAS A QUATRO
ANIMAIS
E SEUS DONOS
P.08

CONTO
ANA
PAULA
COSTA
P.10

AMOR
PARA
A VIDA
MARIANA
CASANOVAS
P.18

AMOR
PARA
A VIDA
TIAGO
MOTA
SARAIVA
P.20



AMOR
PARA
A VIDA
FAMÍLIA
MESQUITA
P.22

HOMENAGEM
A AÇUCENA
VELOSO
SUSANA
VELOSO
P.26

EDUCAÇÃO
ACADEMIA
JUVENIL
DE ARROIOS
P.30

AÇÃO SOCIAL
E SAÚDE
ACADEMIA
SÉNIOR
DE ARROIOS
P.32

CULTURA
CONCERTOS
DE NATAL
P.36

FACTOS
& ESTATÍSTICAS
GRANDES
NÚMEROS
P.37

D I C E

DESPORTO
CLUBE
DESPORTIVO
ESCOLAR
CAMÕES
P.28

CULTURA
FESTA
DO LIVRO
INDEPENDENTE
DA FREGUESIA
DE ARROIOS
P.34

POLÍTICA
ASSEMBLEIA
DE FREGUESIA
DE ARROIOS
P.38

ENTREVISTA

por
Antonieta
Lopes
da Costa



Em 2024 o Arquivo Ephemera vai ter um local de trabalho em Arroios, fruto de um protocolo com a JF de Arroios. Nesta conversa com José Pacheco Pereira, fundador do projecto, vamos conhecer a atividade do Arquivo e como a sua implantação pode beneficiar o território de Arroios.

ENTREVISTA COM JOSÉ PACHECO PEREIRA SOBRE O ARQUIVO EPHEMERA

O que é o Arquivo Ephemera?

O Arquivo Ephemera, gerido pela Associação Cultural Ephemera, é sem dúvida o maior arquivo privado existente em Portugal e provavelmente na Europa. Não estou a dizer que é o mais valioso, mas é sem dúvida pela sua dimensão o maior. É um arquivo omnívoro, centrado na história cultural, científica, económica, social e política do período contemporâneo, numa perspectiva internacional.

Como nós somos adeptos da quantidade, que tem sempre pior fama do que a qualidade, isso permite-nos identificar padrões que de outro modo não se veriam se não fosse a dimensão quantitativa.

É também o arquivo dos “Césares” e dos “cozinheiros” para usar a terminologia do poema de Brecht “Perguntas de um Operário Letrado”, ou seja, tem acervos e espólios dos “de cima” e dos de “baixo”, de um líder e fundador de um grande partido como Francisco Sá Carneiro e de costureiras, ferroviários, operários, etc. É um arquivo que unifica aquilo que tradicionalmente é separado, em Biblioteca, Arquivo e Museu, permitindo potenciar cada uma destas componentes em conjunto. Uma das coisas que faz o sucesso das nossas exposições é essa “conversa” entre materiais muito distintos.

Como se traduz a dimensão do Arquivo em números?

O Arquivo tem neste momento cerca de 6 quilómetros lineares de estantaria, cerca de 250.000 títulos de livros, muitas centenas de milhares de panfletos e folhetos, de cerca de 100 países, dezenas de milhares de cartazes, dezenas de milhares de fotografias, e milhares de objectos. Tudo isto se encontra em vários armazéns em várias localizações pelo país fora, o que significa que há um problema de dispersão que dificulta a celeridade da procura.

Existem cerca de 3 milhões de imagens digitalizadas, na sua maioria com a resolução dos arquivos das quais apenas

cerca de 10% estão publicadas em linha. No blogue e no site há milhares de seguidores e de visitas, e a Associação tem cerca de 700 associados. O Arquivo publica uma série de Cadernos e em colaboração com a editora Tinta da China uma colecção de livros, realiza dezenas de exposições pelo país fora, e dezenas de conferências e palestras quer em Lisboa e Porto, como em concelhos e freguesias de interior. Tem no seu conjunto uma actividade pública superior a muitos arquivos dotados de centenas de milhares de euros.

Posso dizer que José Pacheco Pereira e os voluntários do Ephemera são “ativistas da memória”?

Uma das características do Arquivo Ephemera e que lhe permite a sua sustentabilidade com escassos recursos é o facto da maioria do trabalho ser realizado por voluntários, cerca de 150 por todo o país. É um modelo mais comum no mundo anglo-saxónico, mas que tem forças e fraquezas. De qualquer modo, tem-se vindo a fazer um esforço junto dos governos para alterações à lei das fundações que concilie a solidez patrimonial das fundações com a flexibilidade das associações de utilidade pública, e que sirva as pequenas e médias fundações e não apenas as grandes. Isto permitiria a evolução institucional do Arquivo.

De que forma é que a memória contribui para a consolidação dos territórios e populações?

Sem memória não há identidade, e sem

identidade colectiva, pessoal, profissional, social e política, as pessoas são mais “pobres”, tem menos poder. Podem ser mais facilmente manipuladas num mundo em que a manipulação está cada vez mais sofisticada e presente nos media. E em Portugal ninguém possui a capacidade que o Arquivo Ephemera tem para garantir a preservação da memória local. Um exemplo disso é que só o nosso Arquivo tem capacidade, por exemplo, para cobrir eleições autárquicas, em que no ano de 2021, existiram 8000 campanhas diferenciadas por todo o país, produzindo mais de 100.000 itens analógicos, cartazes, panfletos, brindes, fotografias de acções de campanha, etc. O Arquivo Ephemera recolheu até agora cerca de 60% desse material e em cada visita a uma freguesia ou concelho recolhe mais para pastas que estão em aberto. O mesmo para todas as eleições desde 1975.

A grande exposição sobre os 50 anos do 25 de Abril, uma iniciativa CML / JFA / Ephemera, vai decorrer no Mercado de Culturas, no antigo Mercado do Forno do Tijolo. O que vamos ali descobrir?

Vai haver centenas de realizações para comemorar o 25 de Abril nos seus 50 anos por todo o país. Tentamos fazer diferente numa exposição cujo título mostra a nossa intenção e os limites: “10 Dias que Abalaram Portugal”. É minimalista na cronologia, de 25 de Abril a 4 de Maio, mas maximalista no conteúdo explorando os grandes recursos originais do Arquivo e trazendo novas informações e documentos até agora desconhecidos. O título diz tudo,

que “abalaram”, que mudaram primeiro pela força da liberdade, depois pela construção da democracia.

Que outros projetos traz para Arroios decorrentes do protocolo firmado com a JF Arroios?

Tudo o que temos fica à disposição dos fregueses de Arroios, e penso que não é preciso acrescentar muito. Isto significa exposições, debates, publicações e um posto de recolha que pode contribuir para preservar muito que por falta de espaço, conhecimento, recursos e gente, acaba por desaparecer. Penso que a intenção da Junta de Freguesia em ceder-nos este espaço de trabalho e recolha é-nos muito útil, e por isso agradecemos a generosidade, mas temos a certeza de que a nossa colaboração vai ser frutuosa para todos os que aqui vivem, que vão poder aceder a uma memória viva e que pode não parecer à primeira vista, mas que nos muda. Muda mesmo.

Habituei-me a ouvi-lo dizer «Não deem nada fora». Deixe-lhe o mote para se despedir dos nossos leitores.

“Não deem nada fora” é um dos nossos motes e levamo-lo muito à letra. Já recolhemos materiais e estádios de futebol em ruínas, antigos sanatórios emparedados e coisa deitadas ao lixo. E aproveitamos tudo, correspondência amorosa, aerogramas enviados da guerra colonial, fotografias de casamentos, recibos de casas comerciais extintas, menus de restaurantes, partituras de fados, manuscritos com poemas e diários, quer dos de “cima” quer dos de “baixo”. Isso permite-nos saber coisas que não estão escritas em lado nenhum, aproximar-nos da vida real, com respeito pelas pessoas e sabendo como ela é difícil para a maioria, como ela fala várias línguas, vários géneros, várias culturas e religiões. É por isso que a memória é importante.



ephemerajpp.com

DOU A SUA HISTÓRIA

“-Será que o cão tem espírito?, perguntou-me o filho do meio.

Olhei para ele surpreendido. E acabei por responder:

- Não sei sequer se nós próprios temos espírito ou se é o espírito que nos tem ou está em nós.

- É isso o que eu queria dizer. Olha para ele.

Era um fim de tarde de Agosto, o cão estava parado frente ao mar, o pêlo muito lúcido, a cabeça levantada, narinas abertas, sorvendo o ar.

- Ele está a cheirar o espírito. O espírito da terra, o espírito do vento, o espírito das águas.”

Manuel Alegre, “Cão Como Nós”

**Tawney from California, USA
& Bixby the dog, 8 anos.**

Chegaram à Freguesia recentemente.
Tawney gosta da comunidade local.
Bixby gosta de correr pelas ruas.



**Maria Fernanda do Brasil
& Nala a patuda, 1 ano.**

Chegaram à Freguesia há poucos meses.
Fernanda gosta de aproveitar
os bancos dos Jardins.
Nala gosta de ver passar as galinhas.





OS MEUS GUIAS

OS MEUS

No bairro onde vivo, ainda há 20 anos, havia lojas de ferragens, mercearias, retrosarias; muitas dessas lojas - que tinham uma vida a pulsar todos os dias -, hoje têm papel pardo a tapar as montras e as portas, pó nas prateleiras vazias e teias de aranha construídas ao longo de anos de uma morte prematura. Alguém ali passou os seus dias, uma vida inteira feita de trabalho, alegrias, sofrimento. Havia senhoras que em algumas caves assomavam o dia inteiro à janela, apanhavam malhas de meias, havia costureiras, talhos, floristas, cerzideiras. Hoje são lojas de fruta, tabacos e bebidas, os seus proprietários vieram de muito longe, de lugares do mundo onde não encontraram a felicidade de que precisamos para viver. Um pouco melhor seria reencontrar alguma alegria que foi perdida nos seus olhos longínquos. Vieram em busca de um sonho, e se os sonhos são como estrelas que nos guiam, estes ter-se-ão por vezes transformado em pesadelo.

E se há quem se deixe guiar pelas estrelas, por uma bússola, um padre, porque não incluir, numa lista de amores raros e preciosos, os meus guias? Os meus guias são diferentes. Ao longo das ruas que me conhecem, todo o tempo livre que tenho é para os seguir, às vezes perdendo-me, perdendo-os, sempre na esperança de que reparem em mim. Já os conheço pelo nome e esse som, o das sílabas que o compõem, é razão perfeita para que por vezes se dignem olhar para mim. No meu bairro, na verdade só os cães não parecem incomodar-se muito com tanta mudança. Há a relva, os jardins, os parques para cães, os bebedouros. Há todo um mercado de embelezamento, de inovação e dignidade para donos e bichos.

Os cães trazem uma memória que lhes permite saber que não podem confiar cegamente nos Humanos. Há os que são passeados pelos donos, há os que passeiam o dono. Há os que passeiam sem trela, talvez os mais felizes, mas sempre em perigo. As semelhanças entre cães e donos são por vezes tão evidentes e descaradas que parecem ter combinado. Como num baile temático, eles desfilam pelas ruas do meu bairro. Conheço-os bem, todos estes amigos do meu bairro. A Elis, o Tobias, o Picasso, a Nisa, a Princesa, o Faraó, a Zen, o Lemmy e o Dylan Thomas.

A princípio, umas tímidas trocas de cumprimentos, alguma cerimónia nunca fez mal a ninguém e a distância guarda o que nos resta de alma, a alma que dizem viver nestes corpos um pouco à deriva. Vive implícita entre nós, amigos de rua, uma economia de troca, a que mais vantagens nos traz. Alguns deles aprenderam a reserva a partir da pior experiência que se pode ter, a do abandono, a da violência. Mas os olhos, aquele olhar que traduz a última esperança, a que ainda vive até ao último momento. Quem sabe?

Eles fazem parte de um quotidiano que repartimos e trouxemos para estes nossos dias, disso estou certa. Será que evoluímos? Fazem parte de uma mudança que se vai tecendo, a passos lentos. Oh, que indefesas criaturas e tantas, tantas que o mundo alberga. Não há um mundo, há vários e todos paralelos. O dos que acarinhos os seus animais, o do abandono e morte, o dos que nem os filhos protegem. Entre tantos e tão cruéis.

Estou sentada numa das esplanadas que resistem neste bairro ainda tão feliz e eclético. Ao abrigo do sol e do mau sal da vida, ouço um amigo que julga seu dever a análise imediata e sagaz a tudo o que nos rodeia ou por nós passa. Já testemunhei uma grande evolução, diz. Sou do tempo em que a sua existência era reduzida a funções de trabalho. Ainda sou do tempo em que alguns cães levavam o almoço ao dono. O almoço engolido na oficina. Aos cães eram muitas vezes dados nomes de rios, era o Tejo, o Guadiana, o Sado. Alguns, com menos sorte, ficavam acorrentados ao portão da oficina, da casa, da quinta. O meu amigo vai esboçando, em traços largos, desenhos dos donos e seus cães, gosta de observar as suas semelhanças. Há 50 anos, insiste, os cães choravam, ganiam e agonizavam na rua por terem sido atropelados e ali, à beira do passeio, em plena cidade de Lisboa morriam e eram depois levados pelos carros da Câmara. Sem culpa ou arrependimentos, tudo se passava em breves pausas que em nada maculavam mais um dia. Atropelar um cão era quase como, ainda hoje para alguns, cuspir para o chão, um gesto no qual nem se pensa, um gesto sem consequências.

Gosto e preciso de acreditar que haverá muito mais sinais de evolução e que ainda terei tempo de os testemunhar. Estes nossos amigos têm nomes de cantores, de poetas, de pintores e até, pasme-se, de queijinhos saborosos. Os nossos cães, seres que nos trazem o amor e a empatia que tantos humanos nem soletrar conseguem.

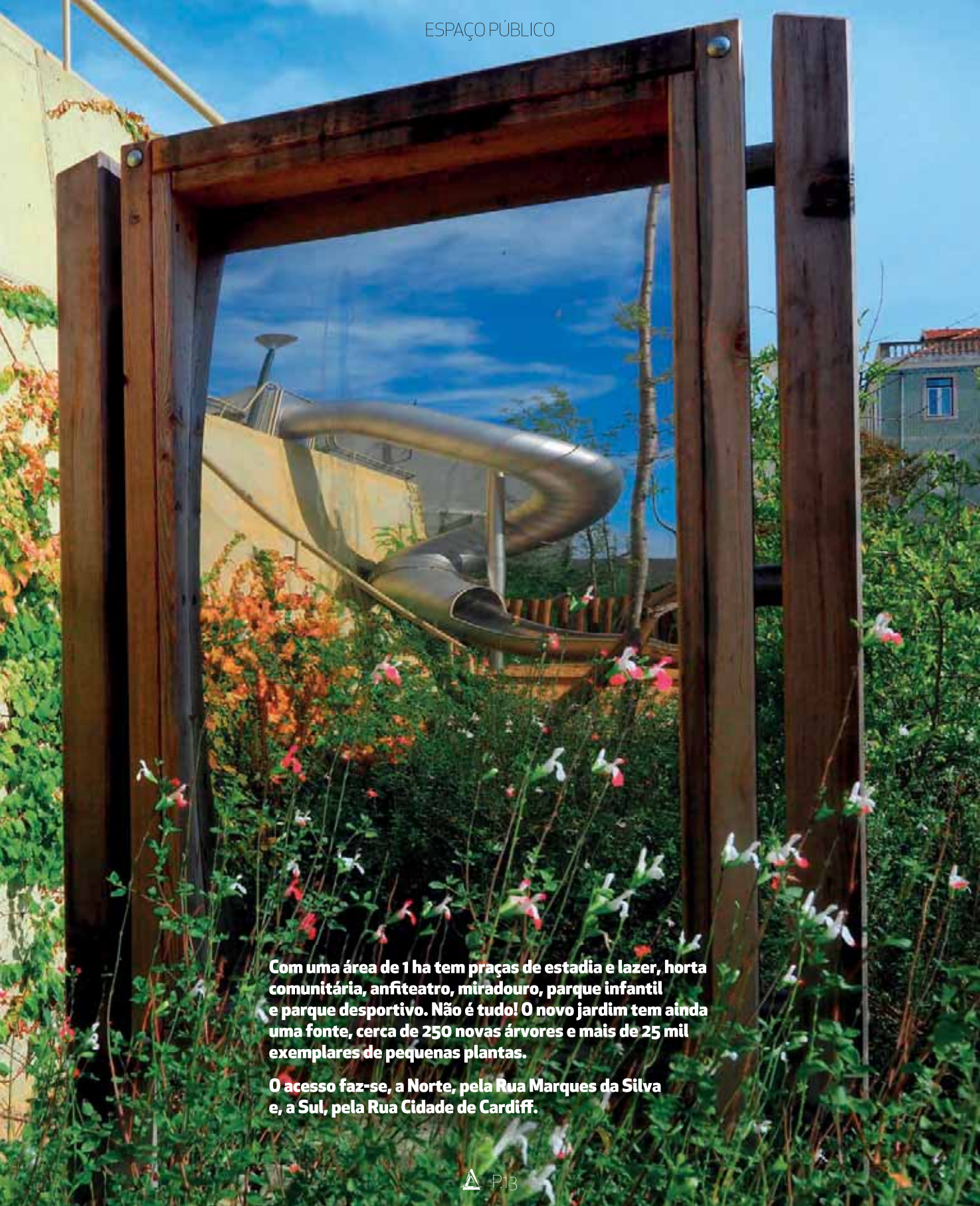
Ana Paula Costa

Ana Paula Costa nasceu em Angra do Heroísmo em 1958. Vive em Arroios há mais de 30 anos. É professora do 3º Ciclo e do Ensino Secundário. Organizou e dirigiu a Biblioteca da Sede do Inatel. Foi colaboradora do Guia de Pais e Educadores do programa Rua Sésamo, do jornal Público e do semanário Expresso. É autora dos livros Daqui Até ao Verão (Prémio Nunes da Rosa), Fotobiografia de Natália Correia (Publicações Dom Quixote), Nome: Natália (Editora Caleidoscópico) e O Azulador de Hortênsias (Editora Origami/Médio Tejo). Estes dois últimos livros foram adaptados ao teatro.





JARDIM
DO
CARACOL
DA
PENHA



Com uma área de 1 ha tem praças de estadia e lazer, horta comunitária, anfiteatro, miradouro, parque infantil e parque desportivo. Não é tudo! O novo jardim tem ainda uma fonte, cerca de 250 novas árvores e mais de 25 mil exemplares de pequenas plantas.

O acesso faz-se, a Norte, pela Rua Marques da Silva e, a Sul, pela Rua Cidade de Cardiff.



Back

QUAS ICONICAS

Tenho esta loja há 24 anos, desde 1999, autenticamente uma marca do século passado. É bom sinal! Tudo isto começou quando eu era muito pequenino e surgiu a minha paixão pela banda desenhada. As primeiras memórias que tenho são de bandas desenhadas nas minhas mãos, desde os 3 ou 4 anos. Depois, uniu-se o útil ao agradável. Uni a minha formação académica em gestão com a paixão por banda desenhada, após uma carreira como consultor de investimentos, meti na cabeça abrir uma loja online de banda desenhada. Na altura fui olhado de soslaio como um maluco, felizmente o tempo deu-me razão.

A primeira loja que abri foi em 2002, no antigo centro comercial São João de Deus. Estive lá até 2007, altura em que arranjei uma loja de rua perto da Avenida Almirante Reis. Depois a loja deixou de servir para o que pretendia. Nas horas de almoço, passava por aqui onde estamos e comeci a namorar a loja, inicialmente estava para venda, até que um dia apareceu para arrendar. Em finais de 2017 pus mãos à obra e mudei-me para aqui no início de 2018.

Ter vindo para Arroios foi casual, mas quis manter a localização para não sair muito do centro físico onde os meus clientes estavam habituados. Uma das primeiras memórias que tenho da banda desenhada sou eu a recortar as vinhetas do Spirou e os Herdeiros, uma heresia, mas já ali estava refletida a minha paixão pela BD.

A batalha mais épica deste negócio é uma permanente necessidade de renovação. Estão sempre a surgir coisas novas, sempre a aparecer concorrência muito agressiva nos preços, com as quais nem quero competir por uma questão de posicionamento.

Aqui na loja temos vários pequenos nichos, a banda desenhada americana, a japonesa, a francesa, muitas edições de autores portugueses, temos figuras e merchandising... A clientela vai dos adolescentes aos adultos.

Mário Freitas
Loja BD
@KingpinBooks

Av. Almirante Reis, 82-A

Aquela ideia feita de que a BD é para crianças é um profundo disparate, há muito pouca para crianças. Para os adolescentes há a Mangá, com o qual eles entram a ler BD, de resto a americana e europeia são sobretudo para adultos.

Eu diria que dever-se-ia apostar bastante na BD nas escolas, do ponto de vista cognitivo é uma ferramenta fundamental, pela associação de imagens com texto. As pessoas que conheço que leem são das mais informadas. Por outro lado, quem despreza a BD são as pessoas menos informadas que conheço.



Há muitas bandas desenhadas que li nos anos 80, por exemplo, que não envelheceram nada bem, estão extremamente datadas. Em contrapartida, o Watchmen de Alan Moore e de Dave Gibbons, um dos maiores clássicos de sempre, feito em 1987, ainda hoje permanece absolutamente atual, quer do ponto de vista da temática subjacente quer da qualidade da escrita e do desenho. De resto, há coisas que dependem da fase de vida em que estamos.

Todas as adaptações das obras de Alan Moore foram abastardadas, o Watchmen é a menos má, mas há outras inenarráveis como o From Hell ou sobretudo a Liga dos Cavaleiros Extraordinários, o V for Vendetta também é um bocadinho transformado numa coisa mais espetacular, perdendo um bocadinho a essência. Já os filmes da Marvel têm cumprido o propósito, mas não sou o público-alvo. Avalio-os como são, tudo muito formulaico, com base no espetáculo... Agora, costumo dizer que se tivesse assistido com 18 anos teria adorado, como vi com 40 e tal...

Temos apostado mais em autores do que em personagens. Dentro da BD americana há sempre duas personagens que em termos de vendas se destacam claramente, o Batman e o Spider-Man. O Batman pelo seu lado negro e obscuro, o Spider-Man por ser aquele superherói que podia ser qualquer pessoa. O Superman vende pouquíssimo. Não tem vendas relevantes, nunca teve. A Wonder Woman sempre teve vendas miseráveis. O Iron Man, muito popular no cinema, também não vende nada. Agora, o Superman é o ícone, por ter sido o primeiro. Talvez por ser absurdamente poderoso, difícil de escrever, de algum modo as vendas nunca foram grande coisa.

Vamos lançar três livros novos, temos uma editora desde 2006, um deles apresentado na Feira do Livro Independente da Freguesia de Arroios: "Há quem queira que a luz se apague", escrito por mim e desenhado pelo Dário Duarte. Depois, durante o Festival da Amadora, mais dois lançamentos: a reedição integral do "Fórmula da Felicidade" do Nuno Duarte e do Osvaldo Medina e outros, também escrito por mim, ilustrado pela Alice Prestes que se chama "Vinil Rubro".



Se Arroios tivesse um super-herói ou personagem de BD, qual seria o superpoder? Não sei se consigo responder, mas.. Há uma personagem de BD editada por mim, o Inspector Franco, um polícia da Polícia Judiciária prestes a reformar-se, com um feito difícil, à moda antiga, no fundo uma excelente pessoa, que poderia ajudar e muito no que se passa na Freguesia.

A primeira memória que guardo de Arroios passa pelo Jardim Campo dos Mártires da Pátria, moro aqui perto e aproveito muito este pequeno oásis da cidade com os meus filhos. Gosto bastante da Biblioteca de São Lázaro, a biblioteca pública mais antiga da cidade. Costumamos aproveitar em família.

Joana Rebelo de Andrade Artista Plástica



Arroios tem lugares com uma luz especial, onde moro tem muita luz. A luz é muito importante para quem cria. Escolher Arroios para viver foi uma escolha emocional: é multicultural e está rodeada por jardins.

O que mais gosto na Freguesia é ser uma zona familiar, jovem e com muita vida. O que menos gosto é o lixo acumulado, por falta de civismo de alguns comércios. A Freguesia é de todos, temos de viver em comunidade e pensar uns nos outros.



A sugestão que deixo à Presidente Madalena Natividade é termos mais espaços culturais, onde os artistas locais possam expor trabalhos acessíveis a todos os moradores e visitantes. Talvez até exposições itinerantes ao ar livre. Fica a sugestão.

@joanarastudio

Mariana Casanovas

Ceramista



A primeira memória que tenho tem 15 anos quando conheci pela primeira vez o BUS - Paragem Cultural, uma espécie de bar, com mood alternativo, com uma porta vermelha chamativa, desces umas escadinhas e entras numa atmosfera íntima, com pessoas de todos os estilos. Senti-me à vontade no meu meio artístico!

Arroios parecia uma Freguesia esquecida de Lisboa, com ambiente pesado, não me sentia segura em andar na rua sozinha. Hoje em dia noto uma diferença abismal, o bairro ganhou vida, tem novas pessoas, novo ambiente, novos lugares. Mais modernizado, é certo, mas guarda a tradição da Freguesia. Não tenho de sair do bairro para descobrir coisas novas! Em cada esquina, um mundo novo para descobrir.

Não tenho um lugar preferido, tenho lugares. Gosto do Rude, gosto do brunch do Brick Café, gosto da Casa Farta, estou ansiosa para provar e experimentar. Gosto do Primo do Queijo, mas não é só bares e cafés. Continuamos a ter lojas típicas de bairro, drogarias, mercearias... Ainda as temos cá em Arroios, e ainda bem!



**“DENTRO
DA MINHA
FORMA DE SER
E DE ESTAR,
ESTOU LIGADA
A ARROIOS”**

Raku é uma técnica alternativa de cozedura das peças, originária do Japão, maioritariamente para a cerimónia do chá, não é utilizada no dia a dia, trata-se de uma relíquia da cerâmica. As minhas peças são feitas em grês, uma pasta mais pesada, um material feito a partir de argila com chamote. Para mim, transmite a delicadeza e a relíquia que é o Raku, mas também mostra o lado mais bruto e as arestas por limar.

Dentro da minha forma de ser e de estar, estou ligada a Arroios, pela mistura muito grande de culturas, de nacionalidades. Eu identifico-me muito com isso! Uma grande parte de mim é alternativa e procura pessoas, mentalidades, formas de estar e línguas diferentes.

[@casnovas.keramus](https://www.instagram.com/casnovas.keramus)





Só em 2003 vim viver para Arroios, na altura Freguesia da Pena, agora não só vivo como trabalho há bastantes anos.

Antes de viver na capital do meu país, vivi em Madrid e em Roma. Vim por causa de muitas lógicas de trabalho comunitário estarem aqui, é uma Freguesia que particularmente rica nesse ponto de vista do trabalho cultural, comunitário e social.

Arroios sempre teve características pioneiras e marcantes para todo o ecossistema de Lisboa, mas também para o sistema nacional. Ultimamente temos perdido um pouco, houve momentos de picos com grande intensidade e criatividade. Nos últimos tempos temos vindo a perder significativamente porque estamos a viver uma perda geral de conteúdos, de noção de cidade e uma monofuncionalização de Lisboa.

É preciso criar redes de apoio e solidariedade, desde logo entre os mais pobres, mas também nesta estrutura económica que existe, para além da prestação de serviços na área da hotelaria e da restauração, pois basta o fluxo turístico desaparecer ou desviar-se... e a cidade morre! A experiência no Quartel do Cabeço da Bola fez-nos perceber a quantidade de pessoas que estava à espera de espaço para a criação. Temos 60 organizações tão diversas, mas todas elas com alguma ligação territorial. Isto tem impacto até no comércio local, aqui junto às instalações, o café da esquina, aumentou as receitas pela quantidade de pessoas daqui que lá passam.

Como podemos dar a volta? É preciso não fazer reset, pois seria muito traumático como operação de cidade. Sinto que devem existir lógicas diferentes de ecossistema.

A experiência no Quartel Cabeço da Bola fez-nos perceber a quantidade de gente criativa e empreendedora que estava à espera para ter um espaço de criação. O projeto já aqui tem 60 organizações. Muito diversas, mas todas elas com alguma relação territorial, algumas até com escala nacional, na verdade, mas todas elas com com uma relação com o bairro.

A Almirante Reis é fundamental, a grande avenida pobre da cidade e a maior avenida. Sim, se considerarmos a Rua da Palma, a Almirante Reis e depois a Avenida Gago Coutinho, é o grande eixo da cidade.

A manutenção e o reforço do nosso tecido social, cultural e comercial, ou seja, a construção de uma economia para além do turismo, é fundamental.

Nós defendemos a nossa proposta para o novo espaço. Passa pela ocupação temporária do Hospital Miguel Bombarda. Já dissemos de forma inequívoca, que desejaríamos isso, são edifícios designados, que possam acolher estas práticas que aqui estão e que se possam estender, inclusivamente está em melhores condições do que nós recebemos estes edifícios.

Nós encontramos o Quartel do Cabeço da Bola em muito mau estado, alvo de pilhagens, não queremos que isso aconteça ao património público. O Hospital Miguel Bombarda tem edifícios classificados, portanto, nós queremos ajudar na sua manutenção enquanto não for outra coisa.

Queremos que este sistema de cluster e de ecossistema em Arroios se possa estruturar aqui durante muitos e bons anos. É óbvio que nós não queremos andar de projeto temporário em projeto temporário, nós queremos fixar as pessoas.

O nosso projeto ajudou a fixar muitas pessoas aqui, continua a fixar muita gente. Um edifício público quando está vazio dentro da cidade, sobretudo nestes espaços, é quase um crime público.

Nós, na verdade, só tivemos portas abertas desde outubro de 2022. Se nós estivéssemos cá estado logo em 2015, tinha produzido economia, ainda que fosse provisório.

Mas também pode permitir uma coisa que é todos esses grandes projetos. Tem de se perceber que há entidades locais que podem ficar a trabalhar aqui no Quartel do Cabeço da Bola. Não é só habitação, não é monotemático a serviços. Que importante seria que algumas destas instituições se fixassem aqui até para acolher quem vem de fora.

A quantidade de gente que se não estivesse aqui, estaria no subsídio de desemprego... Aqui, produzimos economia, produzimos valor urgente que teve aqui a trabalhar para que fosse o seu emprego. Isso é muito importante, ou seja, há estruturas que continuam e continuarão. Mas há outras que também se fizeram aqui e que ficam por aqui.

Adoro a biblioteca de São Lázaro, se calhar agora mais erudita, adoro, as minhas filhas são frequentadoras assíduas da biblioteca.

A ideia da cidade de 15 minutos é importantíssima. Arroios não tem um teatro. Temos tanta produção artística e não temos um teatro! Não podemos continuar a falar e não implementar. Toda a gente sabe que é uma coisa positiva.

Tiago Mota Saraiva
Arquiteto

@tiagomotasaraiava

Família Mesquita

Lucas, o filho
Emílio, o Pai
Carlota, a filha
Carolina, a Mãe



Qual a primeira memória que guardamos de Arroios?

Carlota: Quando era pequena e o Pai levava-me ao colo à escola.

Lucas: Estar na varanda da minha casa antiga.

Carolina: Isso foi no tempo do COVID, passávamos horas e horas na nossa varanda pequena. Eu sou aqui do bairro, nasci cá em Arroios. A minha primeira memória é de muito pequenina, não consigo precisar.

Emílio: A minha primeira memória é levar os meus filhos ao jardim de infância.

Qual é o nosso lugar preferido em Arroios?

Emílio: Os meus lugares preferidos são os mercados. Adoro ir aos mercados e brincar com os meus filhos no jardim da Praça José Fontana, Jardim Henrique Lopes de Mendonça.

Lucas: O meu é a minha antiga escola, a Fundação D. Pedro IV, também conhecida por Jardim Infantil de Arroios.

Carlota: Eu também gosto muito do jardim ao pé do Mercado 31 de Janeiro.

Carolina: Ah! Eu gosto muito do Jardim Cesário Verde. Agora que está arranjadinho, é muito bonito. Acho que é especial! Gosto muito desse jardim.

Que influência tem Arroios na nossa vida?

Lucas: O que quer dizer influência?

Carolina: Influência é o que pode mudar na tua vida.

Lucas: Ah! Lojas de Açai.

Carolina: Lojas de Açai mudaram a tua vida? (risos)

Emílio: Estamos muito perto do centro da cidade, mas não estamos na confusão.

Carolina: Os acessos são fantásticos. E também temos todos os serviços e comércioos.

O que mais gostamos em Arroios?

Lucas: O que menos gosto é o trânsito.

Carolina: O que mais gosto é a diversidade social e cultural. É um bairro onde há muita discrepância e uma grande amplitude de extratos sociais. É uma riqueza para o bairro.

Carlota: O que mais gosto é de ter vizinhos muito agradáveis.

Carolina: Muito fixe! Conseguimos ter relações de proximidade com os vizinhos e com os comerciantes.

Emílio: Verdade! Com o senhor do Talho, das escadinhas, dos restaurantes...

Carolina: Descemos a rua a cumprimentar pessoas. Ainda se mantém essa tradição.

O que menos gostamos em Arroios?

Carolina: O que menos gosto é ver o preço das casas aumentar. Eu nasci aqui, com o aumento do preço das casas, aumenta a dificuldade de continuar a viver cá.

Lucas: Não gosto de estar no trânsito.

Carolina: Por falar nisso, o estacionamento. Nós temos garagem, sem garagem é complicado. Quando saímos de manhã temos carros parados à porta e atrasam um bocadinho a nossa saída de casa.

Emílio: Não reparam que é garagem e estacionam à frente. Faz parte de estar no centro da cidade. Não há muito a mudar, talvez a melhorar.

Como vemos Arroios a evoluir no futuro?

Carolina: Eu acho que está a evoluir muito, muito bem. Há cada vez mais parques recuperados e edifícios renovados.

Carlota: Aquele parque ao pé do Hospital da Estefânia, gostamos muito. Está melhor aproveitado, era um bocadinho que não servia para nada e agora temos lá um grupo de amigos.

Emílio: Cada vez mais comércio. Acho que está muito bem!

Carolina: Queríamos que não evoluíssem para uma situação na qual as pessoas daqui não consigam continuar a viver cá.

Lucas: A comida está a melhorar no bairro. Os restaurantes, com opções saudáveis.



Que mudanças gostaríamos de ver acontecer?

Carolina: Temos muitas pessoas em situação de sem abrigo a dormir na rua, é muito triste.

Emílio: Cada vez mais, gostaríamos que fosse resolvido para o bem de todos.

Que sugestões faríamos à nossa Presidente Madalena Natividade?

Carlota: Não sei, talvez as decorações de Natal mais tarde. Começam na altura do Halloween.

Carolina: (risos) Não é preciso começar em outubro, mas a nossa rua fica muito bonita.

A de Arroios. A de...

Carolina: Amor. Sinto amor por este bairro!

Carlota: Amizade. Também nasci aqui.

Emílio: Animado. Bairro animado.

Carolina: O Emílio nasceu em Espanha...

Emílio: Mas estou rendido a Arroios.

Susana Veloso
Peixaria Veloso



HOMENAGEM A AÇUCENA VELOSO

Açucena Veloso é um nome com lugar cativo no coração do Mercado 31 de Janeiro. Conhecida como a "Peixeira dos Chefes" e "Rainha do Mar Português", a sua história é um exemplo precoce de dedicação e paixão pelo empreendedorismo.

Nascida em Braga, Açucena mudou-se cedo para Lisboa. Deu os seus primeiros passos no mundo do trabalho aos nove anos de idade, vendendo limões. No entanto, logo encontrou o seu verdadeiro nicho de mercado: o peixe. Antigamente, cada peixeira vendia apenas uma variedade de peixe. A sua madrinha, Laurinda Lisboa, por exemplo, apenas vendia pescada, e assim começou Açucena.

O Mercado 31 de Janeiro sempre foi mais do que um local de trabalho para Açucena; era a sua segunda casa. Durante anos, acordava cedo todos os dias para servir os seus fiéis clientes com um sorriso caloroso, que simbolizava a ligação e amizade numa cidade cosmopolita em constante mudança.

A alcunha "Peixeira dos Chefes", por exemplo, não foi conquistada por acaso. Vários chefes de cozinha, tão bem conhecidos na praça mediática, confiavam na escolha do melhor peixe. Muitos dos pratos deliciosos servidos à mesa dos restaurantes mais conceituados da capital passaram pelas mãos habilidosas de Açucena Veloso.

A história de Açucena Veloso é um testemunho de perseverança, paixão e compromisso com o ofício. Não foi apenas uma peixeira talentosa, mas parte indelével da nossa comunidade local e do Mercado 31 de Janeiro. O seu legado continua vivo nas mãos da sua filha, Susana Veloso, que, embora confesse não gostar de pescada, continua o legado da mãe. Açucena viverá para sempre na memória daqueles que tiveram a sorte de cruzar o seu caminho.

@peixariaveloso

Desde 1986, e sem qualquer interrupção, o CDEC tem-se dedicado à promoção da prática desportiva na modalidade do andebol. Ao longo da sua existência, centenas de atletas têm praticado desporto neste Clube com diferentes níveis de desempenho; desde os que têm sido internacionais nas diferentes Selecções Nacionais do Desporto Escolar e do Desporto Federado, aos que só têm uma vertente competitiva interna e àqueles que, não menos importante, o fazem apenas com uma preocupação lúdica. O CDEC, enquanto Clube Desportivo Escolar, assume o seu papel de entidade com uma forte vertente de Responsabilidade Social, incentivando os mais novos à prática do desporto, enquanto atividade base de ocupação de tempos livres e promotor de estilos de vida mais saudáveis.

Como Clube de escola que é, o CDEC vive de uma estrutura de dirigentes, técnicos, atletas e famílias que partilham do mesmo espírito e disponibilidade, sem qualquer tipo de remuneração, que suporta a quase totalidade das despesas inerentes ao funcionamento do Clube, incluindo deslocações, estadias e demais custos logísticos.

As primeiras referências que existem relativamente a uma estrutura organizada de Andebol no Liceu Camões, remontam ao ano lectivo 1966/1967. A equipe júnior venceu a fase continental do Campeonato da Mocidade Portuguesa e deslocou-se a Luanda para disputar a fase nacional com uma equipe de Angola – Liceu Diogo Cão de Sá da Bandeira, e uma equipe de Moçambique – Escola Industrial e Comercial Freire de Andrade da cidade da Beira.

O Clube iniciou as suas actividades desportivas regulares em Novembro de 1986 integrado no movimento dos clubes jovens da Freguesia de Arroios, local onde tem a sua sede, sob a designação de «Núcleo Desportivo Camões».

Em 16/12/1988, por publicação no Diário da República nº 289 da III Série, é criado o Clube Desportivo Escolar Camões (CDEC) que se dedica, nessa época, exclusivamente ao andebol feminino, tendo a sua sede no Liceu Camões, na Praça José Fontana, hoje Escola Secundária Camões. O seu grande objectivo é o da formação de jovens atletas dentro de uma correcta perspectiva da prática do desporto.

O Clube torna-se assim, para muitos, uma segunda casa onde a amizade, a convivência e o respeito mútuo, motivam e preparam o jovem para os valores da vida em sociedade, sempre com um espírito de cooperação e entajuda.

**Se nasceste entre 2006 e 2015 e gostas de Andebol, junta-te ao Camões!
O Andebol é um desporto coletivo, simples e divertido. Podes aprender facilmente o básico, se gostas de correr, saltar e rematar com uma bola. O Andebol oferece-te uma sucessão de fases explosivas e intensas.**

Inscribe-te: cdec.captacao@gmail.com

@camosandebol

ANDEBOL



CAMÕES

Da esquerda para a direita: Hipólito Silva, Jorge Rodrigues (vice-presidente), Francisco Milne, João Milne, Luís Lacerda (capitão equipa de veteranos), Guilherme Kuipers, Pedro Fernandes (treinador e dirigente) e Tiago Galvão.



AJA
ACADEMIA JUVENIL
DE ARROIOS



A Academia Juvenil de Arroios (AJA) surge enquanto projeto infantojuvenil e visa a promoção de ações educativas, culturais e desportivas implementadas pela Secção de Educação e Juventude.

Estas ações destinam-se a crianças entre os 6 e os 12 anos (componente infantil) e jovens entre os 13 e os 17 anos (componente juvenil). A AJA disponibiliza diversas atividades regulares em horário não letivo: jornalismo e vídeo, basquetebol, dança indiana, futsal, xadrez, capoeira, yoga, dança contemporânea, teatro, coro e boxe que se concretizam em instalações da Junta de Freguesia de Arroios ou em coletividades sediadas no território.

Para inscrições e mais informações deverá contactar a equipa através do Email - academiajuvenilarroios@jfarroios.pt ou contacto telefónico - 96 102 43 04

A Academia Sénior de Arroios (ASA) disponibiliza um conjunto de disciplinas e atividades formativas, educativas, culturais e sociais, de convívio e de lazer a pessoas maiores de 55 anos de idade com vista a prevenção do isolamento social e combate à sua exclusão.

Neste momento a ASA contempla um total de 25 disciplinas, teóricas e práticas, tais como: Inglês, Espanhol, Tecnologia, Pilates, Canto Coral, Cavaquinho, Teatro, Desenho e Pintura, Xadrez entre outras, além de várias iniciativas e ações de carácter não formal que decorrem ao longo do ano letivo e que permitem a dinamização e envolvimento da população sénior do território.



Para inscrições e mais informações deverá contactar a equipa através do email - acaosociaisaudefarroios.pt ou contacto telefónico - 218 160 977.



ASA Academia
SÊNIOR
ARROIOS



De 29 de setembro a 1 de outubro de 2023, o nosso Mercado de Arroios recebeu a segunda edição da Festa do Livro Independente da Freguesia de Arroios (FLIFA), um evento de entrada gratuita que celebrou a diversidade e a criatividade dos editores, livreiros e livros independentes.

A FLIFA contou com a participação de mais de 70 editoras e livreiros independentes de todo o país, que apresentaram as suas obras e projetos, muitos deles fora do circuito comercial habitual. Os visitantes puderam encontrar livros de todos os géneros e estilos, desde a poesia à ficção, passando pelo ensaio, pela ilustração, pela banda desenhada e pelo livro de artista.

A programação cultural deste evento foi igualmente rica e variada, com mais de 20 eventos que incluíram conversas, workshops e uma leitura encenada. Entre os convidados, destacaram-se nomes como Hugo van der Ding, Pacheco Pereira, Rui Reininho, Carlos Vaz Marques, Jaime Nogueira Pinto, Artistas Unidos, Pedro Mexia, entre muitos outros, que partilharam as suas experiências, opiniões e paixões literárias.

A FLIFA foi também uma oportunidade para divulgar a participação da cidade de Lisboa na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires de 2024, na qual será cidade convidada de honra. Neste sentido, houve uma mostra de livros de autores portugueses e lusófonos, bem como uma conversa sobre as relações culturais entre Portugal e Argentina.

A Festa do Livro é uma iniciativa da Junta de Freguesia de Arroios, com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa, que pretende fomentar a leitura e a cultura, valorizando o trabalho dos editores, livreiros e livros independentes. Vivemos uma festa dos livros, mas também das pessoas que os fazem e dos que os leem, numa atmosfera de liberdade, irreverência e convívio.



F E S T A A '23

FESTA DO LIVRO INDEPENDENTE FREGUESIA DE ARROIOS



TODOS

regressa a Arroios em 2024

No último dia do TODOS em Santa Clara o Vereador da Cultura, Diogo Moura, anunciou que o Festival se desloca para Arroios entre 2024 e 2026.

O TODOS-Caminhada de Culturas é um festival que celebra o valor do diálogo intercultural, através das artes contemporâneas, promovido entre a Câmara Municipal de Lisboa e a associação Academia de Produtores Culturais.

Mais do que uma festa, o TODOS é um espaço para o encontro e o convívio entre pessoas de diversas culturas, idades e religiões, que vivem e trabalham em Lisboa. Nómada na cidade, a cada três anos o festival muda de freguesia, de modo a poder trabalhar, ao longo de cada ano, projetos artísticos e culturais comunitários e participativos, de proximidade, com diversas entidades públicas e privadas de cada território, tais como Juntas de Freguesia, escolas, associações locais, lojas, casas particulares, igrejas, jardins e monumentos... Simultaneamente, o TODOS apresenta, em cada bairro, espetáculos nacionais e internacionais, de grande qualidade, que se cruzam com as problemáticas do mundo contemporâneo, convocando não só os olhares dos residentes locais, mas igualmente os olhares forasteiros, atraindo uma pluralidade de espetadores, nacionais e estrangeiros, para as praças e ruas das freguesias lisboetas.

Observatório, também, das práticas interculturais entre os lisboetas, o TODOS analisa, e reflete, sobre o modo como, em cada freguesia, as populações e os serviços públicos valorizam, ou não a pluralidade cultural de cada território.

Nos próximos três anos o TODOS é acolhido pela freguesia de Arroios, regressando ao território onde começou em 2009.

Legenda da foto: Miguel Abreu, diretor do Festival, Diogo Moura, vereador da Cultura, e Madalena Natividade, presidente da Junta de Freguesia de Arroios.

Mais informações
sobre o festival em:



todos

CAMINHADA DE CULTURAS



CONCERTOS DE NATAL

A música é uma forma da identidade cultural que desempenha um papel de entretenimento e expressão artística. Ela transmite um sentimento de pertença e união entre pessoas que compartilham valores e raízes culturais. E funciona como uma ponte cultural, permitindo que pessoas de diferentes origens se possam relacionar e compreender melhor outras culturas.

Imbuídos dessa missão – e com o apoio dos respetivos párocos – a Junta de Freguesia de Arroios celebrou o Natal nas três igrejas do nosso território. Na Igreja de Nossa Senhora dos Anjos teve lugar o concerto «Fado é Oração» com José Cid, Manuel João Ferreira, Teresa Tapadas, Afonso de Noronha Lebre e Miguel Lundum, acompanhados por Bruno Mira na guitarra e Pedro Pinhal na viola.

Na Igreja de Nossa Senhora da Pena decorreu o concerto do Quarteto Arabesco que interpretou música natalícia do Barroco italiano e francês. Por último mas não em último, na Igreja de São Jorge de Arroios, onde o Coro sinfónico Lisboa Cantat já tinha atuado com a Orquestra Filarmónica Portuguesa no «Requiem de Mozart», regressou pela ocasião do Dia dos Reis, com a sua formação de câmara, para interpretar várias canções alusivas à quadra natalícia.

Perante assistências que esgotaram os espaços, cruzaram-se a música e a espiritualidade, valorizando-se a cultura e o nosso património. Esperamos que tenha gostado deste programa musical pelo Natal em Arroios e que nos acompanhe nas próximas iniciativas culturais da Junta de Freguesia de Arroios.

12 t

LIXO RECOLHIDO DIARIAMENTE
BRIGADA INTERVENÇÃO RÁPIDA

750 m²

CALÇADA
REQUALIFICADA

142

ÁRVORES
PLANTADAS

530

ARBUSTOS
PLANTADOS

12000

ESPETADORES
CONCERTOS DE NATAL

66

ANIMAIS APOIADOS
PROGRAMA VET NA RUA

253

CRIANÇAS PARTICIPANTES
VERÃO EM MOVIMENTO

NÚMEROS

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE ARROIOS

**Composta por 19 membros
eleitos, em representação
dos partidos políticos:**

MESA DA ASSEMBLEIA

PRESIDENTE

• António Cal Golçalves - PSD

1ª SECRETÁRIA - CDS/PP

• Joana Freire da Silva Pinto
Coelho - CDS

2ª SECRETÁRIA - CDS/PP

• Alexandra Isabel Machado
Cordeiro - CDS

VOGAIS

CDS/PP:

• Luís Francisco do Couto Bento
de Sousa

• Maria Joana Camacho Pinela
Martins Damas

PPD/PSD

• Paula Cristina dos Santos Ferreira
Castella Correia

PS

• Bernardo Luís Amador Trindade

• Vitor Manuel da Cruz Carvalho

• Maria Catarina Melro Praxedes
da Silva

• Vitor Carlos Teles Fernandes

• Joana Guerreiro Mestre

CDU

• Anna Nemcova de Almeida

• Ana Luisa Martins Pereira Mirra

• Francisco Duarte Canastrinha
Tavares Alves

BE

• Joana Filipa Mourisca e Pires
Teixeira

• Margarida Antónia Antunes Barata

IL

• Cristina Maria Neves Nunes

PAN

• Patrícia Leitão Mariano

CH

• Carlos Miguel Prata da Silva

Os textos desta secção são
da responsabilidade das respetivas
forças políticas.



Passados 2 anos de mandato é importante tirar algum tempo para refletir qual tem sido a marca deixada pelo CDS-PP na gestão desta freguesia tão querida por todos nós.

Essa marca encontra-se polvilhada por quase todas as diferentes áreas implicadas na gestão da freguesia, desde uma política financeira de equilíbrio e contas certas, uma gestão dos espaços públicos com enfoque na expansão das zonas verdes e da área florestada da freguesia, um investimento reforçado no bem-estar animal - quase triplicando o orçamento inicial e criando vários protocolos com vista à implementação de programas CED e apoio a famílias carenciadas no cuidado animal; um investimento na cultura, promovendo a literatura e a música como elemento de união e partilha, uma revitalização dos nossos mercados, uma expansão das áreas de atendimento na freguesia, uma presença constante da nossa ação social e serviços educativos e muito, muito mais.

O trabalho deste executivo demonstra aquilo que os fregueses de Arroios sempre souberam, que ser CDS-PP é apostar na boa gestão pública, na preservação do nosso espaço comum, no desenvolvimento das nossas bases culturais e no apoio aos mais carenciados. É demonstrar que o poder local pode ser gerido com humanidade, proximidade e carinho.

Se esta foi a marca que foi possível criar em 2 anos, esperamos que venham muitos mais!

O PSD assenta na solidariedade, na liberdade e na defesa da igualdade, os princípios basilares da nossa prática política, de mobilidade social, de combate à carência material dos grupos sociais mais vulneráveis e na vitalidade da ação da sociedade civil independente dos poderes públicos. Para tal, em Arroios, defendemos que as atividades dos CAF, AAAF e AEC sejam da responsabilidade da Freguesia; a reparação e reposição da sinalização vertical e horizontal para garantir a segurança cidadã; reparação e manutenção das placas toponímicas; reparação e manutenção das calçadas, espaços verdes e demais espaços públicos; limpeza, manutenção e lavagem das ruas e espaços públicos; que sejam encontradas medidas que garantam um tratamento humanitário e personalista aos sem-abrigo e aos imigrantes, que na nossa Freguesia se encontram sem respostas adequadas ao respeito da "pessoa humana" e dos "direitos humanos"; atenção e proteção aos cidadãos que aqui fazem a sua vida; "carta do ruído" que possibilite e garanta o sossego e o bem-estar dos residentes; estacionamento para os residentes e aproveitamento noturno do Parque de estacionamento do Mercado 31 de Janeiro.

O PPD/PSD, apoia todas as ações de cidadania que entenda defenderem a população da Freguesia, nas suas várias vertentes, para uma melhor qualidade de vida na Freguesia, porque ARROIOS É DE TODOS!



Os eleitos do Partido Socialista na Assembleia de Freguesia de Arroios dão a conhecer à população algumas iniciativas e propostas que tem promovido. Assim, temos vindo a reunir em várias entidades da freguesia para ouvir as suas preocupações e os seus anseios transmitindo-as quer nas sessões da AF quer através de requerimentos e/ou pedidos de esclarecimento junto do Executivo.

Por outro lado, várias foram as recomendações e moções que apresentámos entre as quais destaca-mos:

- criação no site da freguesia de um “Banco de Ideias Sociais” que torne possível a recolha de contributos para fazer face à crise social que tem arrastado inúmeras pessoas para situações de carência e/ou de sem abrigo;
- elaboração de um “Plano de Melhoria de Acessibilidade Pedonal” com a introdução nos passeios de faixas de conforto para os peões de forma a evitar quedas, nomeadamente, de crianças, idosos ou pessoas de mobilidade reduzida;
- implementação de um “Plano de Poupança para a Redução do Consumo de Energia, Eficiência Hídrica e Mobilidade” através de restrições no consumo de energia em vários espaços, nomeadamente os geridos pela Junta, a par de campanhas de sensibilização para a redução de consumos nas habitações;
- elaboração de um “Roteiro Turístico” que identifique os vários pontos de interesse cultural e o património histórico de Arroios apresentando ainda sugestões de alojamento e de restauração;
- criação de uma rede de espaços comerciais “Dog Friendly” podendo os cães permanecer com os seus donos em lojas não alimentares devidamente identificadas.

Os eleitos do Partido Socialista continuarão a trabalhar demonstrando de forma crítica, serena, responsável e construtiva que é possível fazer melhor em Arroios.



Arroios é hoje uma freguesia muito atractiva para a habitação dos portugueses e de gente de múltiplas nacionalidades, que a enriquecem. Todos eles têm o direito constitucional a uma habitação digna, mas cada vez menos pessoas conseguem permanecer nas suas casas e pagar rendas ou aguentar as prestações ao banco. Os inquilinos são despejados em troca do alojamento para turistas, habitação de luxo e hotéis. A CDU de Arroios luta pelo direito à habitação numa das freguesias mais afectadas pelo aumento do custo da habitação, onde cada vez mais pessoas moram em quartos sobrelotados e nas ruas, apesar de existirem muitas casas devolutas que devem servir para morar e não para especular.

No espaço público debatemo-nos com a falta de limpeza e excesso de lixo. A CDU, além de exigir melhorias na recolha do lixo e uma forte campanha de sensibilização e fiscalização, luta contra a precariedade e pela melhoria das condições laborais dos trabalhadores de higiene urbana da freguesia. Além de limpo, o espaço público deve servir para encontros e convívio entre as pessoas, adultos e crianças. Queremos um verdadeiro diálogo sobre a utilização do espaço público e medidas estruturais para o estacionamento na freguesia. A CDU aproveita a ocasião para desejar a todos os moradores e trabalhadores da freguesia um bom ano de 2024.



O Bloco de Esquerda reivindica uma freguesia pensada para as pessoas e não para os carros e, por isso, decidimos ceder este espaço para a mensagem de proprietários de pequenos negócios de Arroios.

“No período da pandemia implantámos novas esplanadas, articuladas com a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal de Lisboa, numa tentativa de fazer face à crise. Naturalmente estas esplanadas vieram ocupar lugares de estacionamento, uma vez que a maioria dos passeios não permitem a criação de esplanadas. A ampliação das áreas dos estabelecimentos teve o grande benefício social de gerar postos de trabalho para dezenas de pessoas. Recebemos, por isso, com grande preocupação e consternação o email da Junta de Freguesia a solicitar a retirada das esplanadas. Esta medida acarreta várias dimensões: a incapacidade de recuperar o investimento; o pagamento dos empréstimos efetuados e a perda de postos de trabalho. E isto num momento em que os custos subiram mais de 20% para a restauração. A criação de esplanadas teve muitos aspetos positivos na economia de inúmeras famílias e veio enriquecer a vida do bairro. A troca de um carro por uma esplanada é um caminho para uma cidade mais saudável, mais amigável e mais vivida, mais amiga do ambiente. Vimos assim pedir ao executivo de Arroios que reavalie esta medida, em prole do futuro do nosso bairro e das nossas vidas.”

Porque “essencial” e “local” rimam com “liberal”

Se o essencial na atuação das autarquias é servir as necessidades de municípios e fregueses, então, para os liberais, isso obriga aquelas a cingirem-se a essa função – em vez de pretenderem criar à escala local a utopia de um Estado que, de dentro, provê tudo para todos (diga-se que com os recursos tributados a esses todos). Serviços como a higiene urbana ou a manutenção de vias públicas requerem um trabalho profissional, uma gestão de custos e recursos humanos e um controlo de qualidade que não podem ser assegurados no ambiente de uma câmara municipal ou de uma junta de freguesia com os seus funcionários fixos. Aquele trabalho exigente requer formação permanente, recrutamento dos mais capazes de o levarem a cabo e inserção em organizações especializadas. E assegurar qualidade requer trabalhar numa lógica de incentivos em que a remuneração e a continuidade da relação na prestação de serviços dependem da contratualização de tarefas e de resultados obtidos. A autarquia gere recursos dos cidadãos para lhes entregar resultados previstos na sua função constitucional. Para isso, tem de ir buscar, com as suas condições (fiscalizadas pela assembleia), os melhores prestadores – o que é diferente de ser ela a incubadora e prestadora generalista daqueles serviços.

Luís Aguiar dos Santos,
Pela Iniciativa Liberal

Diz-se que em momentos de crise surgem novas oportunidades. E a verdade é que foi em plena pandemia que Arroios ganhou uma nova vida com as chamadas “esplanadas-covid”.

Foi um importante passo em direção a uma cidade a pensar nas pessoas. Trouxe os fregueses de volta às ruas e foi também uma tábuca de salvação para vários negócios locais.

No entanto, há quem alegue que o ruído nocturno é uma consequência direta destas esplanadas, o que nem sempre aconteceu. Alguns estabelecimentos têm respeito pelos moradores e outros não. Não podemos generalizar.

No entender do PAN, as “esplanadas-covid” trazem um enorme valor para a freguesia e contribuem para a existência de menos carros nas ruas, o que também significa áreas mais seguras para se andar a pé e um ar mais limpo.

Convém lembrar que as cidades são responsáveis por dois terços das emissões globais de gases de efeito estufa, no entanto o impacto ambiental de uma cidade pode diminuir consoante o seu tipo de urbanização.

É por tudo isto que apelamos à Senhora Presidente da Junta de Freguesia de Arroios que dê uma oportunidade verdadeira a estes negócios locais e às suas esplanadas. Mas não só, apelamos também a que o espaço para os automóveis se converta em espaço para as pessoas e para atividades de lazer. Será, certamente, o melhor para Arroios.

Patrícia Mariano,
Membro da Assembleia de Freguesia /
Pessoas-Animais-Natureza

Os Portugueses estão cansados. Cansados de serem continuamente sovados, humilhados, vilipendiados, ultrajados! Um povo orgulhoso da sua História, mas a quem o “sistema democrático” não consegue garantir uma vida confortável e sem sobressaltos. As elites governantes, afundadas num lodaçal de corrupção e compadrio, voltaram as costas ao seu povo, incutindo-lhe um sentimento de desconfiança em tudo o que refira “política”.

Os Portugueses precisam de voltar a confiar.

A confiar numa Justiça que garanta a independência dos tribunais e a não interferência do poder político; numa Fiscalidade menos penalizadora, de quem trabalha, de quem investe, e das empresas.

Urge proteger os que têm menos rendimentos, isentar de IVA os bens essenciais, garantir um aumento das pensões equiparado ao salário mínimo: aumentando o poder de compra, gera-se riqueza e ajuda-se a economia.

Vivemos tempos conturbados, vítimas de uma imigração desregulada de portas abertas que não ajuda a economia nem a demografia, e que aos poucos vai matando esta grande Nação.

Os Portugueses precisam de voltar a ousar! Ousar acreditar num sistema de saúde que os proteja, numa justiça que os defenda, numa educação que os valorize e lhes permita ter a esperança num futuro com habitação digna e pleno emprego.

EXECUTIVO

MANDATO 2021-2025
CARGOS E PELOUROS



MADALENA NATIVIDADE
PRESIDENTE
INDEPENDENTE CDS-PP

PELOUROS/FUNÇÕES

COORDENAÇÃO GERAL
INTERVENÇÃO SOCIAL (AÇÃO SOCIAL,
INCLUSÃO SOCIAL, COMUNIDADES
MIGRANTES E ENVELHECIMENTO ATIVO)
EDUCAÇÃO E INFÂNCIA
LICENCIAMENTO
RECURSOS HUMANOS
CONTRATAÇÃO PÚBLICA E COMPRAS
PROTEÇÃO CIVIL E SEGURANÇA
ARQUIVO
GABINETE JURÍDICO
GESTÃO DE INSTALAÇÕES
FROTA
CULTURA E BIBLIOTECAS
JUVENTUDE
BEM-ESTAR ANIMAL



JOÃO COSTA
SECRETÁRIO
PSD

PELOUROS/FUNÇÕES

HIGIENE URBANA
SANITÁRIOS E BALNEÁRIOS
DESPORTO



RICARDO AFONSO
TESOUREIRO
CDS-PP

PELOUROS/FUNÇÕES

CONTABILIDADE
TESOURARIA E PATRIMÓNIO
COMUNICAÇÃO E IMAGEM



RUI DIONÍSIO • VOGAL
CDS-PP

PELOUROS/FUNÇÕES

COMÉRCIO E MERCADOS
ESPAÇO PÚBLICO (MANUTENÇÃO
E CONSERVAÇÃO, MOBILIDADE,
PROJECTOS,
ESPAÇOS VERDES E AMBIENTE)
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
E INOVAÇÃO



TERESA PEDROSO • VOGAL
CDS-PP

PELOUROS/FUNÇÕES

ORÇAMENTO PARTICIPATIVO
RELAÇÃO COM O CIDADÃO
VOLUNTARIADO



MARIA BARROSO • VOGAL
PSD

PELOUROS/FUNÇÕES

SAÚDE



DAMIÃO DE CASTRO • VOGAL
PSD

PELOUROS/FUNÇÕES

PROJETOS ESPECIAIS INDICADOS
PELA SENHORA PRESIDENTE
DA FREGUESIA DE ARROIOS

SUBSTITUTO LEGAL:

NOS TERMOS E EFEITOS DA ALÍNEA B), DO Nº2, DO ARTº 18º DA LEI N.º 75/2013 DE 12 DE SETEMBRO, O SUBSTITUTO LEGAL NAS AUSÊNCIAS E IMPEDIMENTOS DA PRESIDENTE E O SR. TESOUREIRO, DR. RICARDO NUNO DOS REIS AFONSO

primeira letra do alfabeto

a de autêntica

a de antagónica

a de auspiciosa

a de atiradiça

a de amiga

a de alma

a de amor

a de arroios

ARROIOS
LUGAR DE TODOS